

SOLIDÃO

Alonguei-me fugindo e vivi
na soedade.
ARRAES — DO PSALM.

I

SOLIDÃO, eu te saúdo! silencio dos bosques,
salve!

A ti venho, ó natureza; abre-me o teu seio.

Venho depôr n'elle o pêso abhorrecido da existencia; venho despir as fadigas da vida.

Quero pensar só commigo; quero falar a sós com o meu coração.

Os homens não me deixam; amparae-me vós, solidões amenas, abrigae-me, ó solidões deleitosas.

Franqueia-me, ó soledade, o thesouro das tuas selvas; abre-me o sanctuario das tuas grutas.

Eu perguntarei aos troncos pelas edades que vieram correr; e os troncos me responderão, meneando as suas ramas: — Ellas passaram.—

Eu contarei aos prados os meus amores; e as boninas abrirão o calix para me dizer: — Tambem nós amâmos.—

Interrogarei os penhascos pelos eccos das vozes dos homens; e os penhascos mudos não ousarão repetir-me os sons falazes d'essa voz.

Eu direi ás ruínas:—Que é das mãos que vos construíram, que é das raças que vos habitaram?—

E as ruínas se calarão; mas a pedra de um sepulchro falará por ellas.

A pedra do sepulchro dirá:—A morte passou, e as suas pègadas ficaram impressas no caminho dos seculos.—

Solidão, eu te saúdo! silencio dos bosques, salve!

II

Que doce não é fugir dos homens para viver com as plantas!

Que prazer não é deixar essas habitações alinhadas pelo prumo de sua pequenez; e vir no desalinhado dos campos folgar em liberdade com a natureza!

Nascentes que rompeis do seio das rochas! vós não sois comprimidas nos estreitos canaes que fabricou a arte:

— Livres surgis da terra, livres jorraes das penhas; e livres correis dos montes a cobrejar nos prados por entre o matiz das flores.

Arvores frondosas, vegetae sem medo; a foice do jardineiro não vos despojará da rama para o monotonico prazer do luxo contrafeito.

E vós, rochedos magestosos, repousae tranquillos nas elevações da terra: que não virá o cinzel do estatuario roubar-vos as fórmas da natureza:

Para transmittir ao neto degenerado as feições do avô ambicioso.

Solidão, eu te saúdo! silencio dos bosques, salve.

(excerto)

AS MINHAS AZAS

Eu tinha umas azas brancas,
Azas que um anjo me deu,
Que, em me eu cansando da terra,
Batia-as, voava ao céu.

—Eram brancas, brancas, brancas,
Como as do anjo que m'as deu:
Eu innocente como ellas,
Por isso voava ao céu.
Veiu a cubiça da terra,
Vinha para me tentar;
Por seus montes de thesouros
Minhas azas não quiz dar.
—Veiu a ambição, co'as grandezas,
Vinham para m'as cortar,
Davam-me poder e gloria;
Por nenhum preço as quiz dar.

Porque as minhas azas brancas,
Azas que um anjo me deu,
Em me eu cansando da terra,
Batias-as, voava ao céu.

Mas uma noite sem lua
Que eu contemplava as estrellas,
E já suspenso da terra,
Ia voar para ellas,
—Deixei descahir os olhos
Do céu alto e das estrellas...
Vi entre a névoa da terra,
Outra luz mais bella que ellas.

E as minhas azas brancas,
Azas que um anjo me deu,
Para a terra me pesavam,
Já não se erguiam ao céu.
Cegou-me essa luz funesta
De infetiçados amores...
Fatal amor, negra hora
Foi aquella hora de dores!

—Tudo perdi n'essa hora
Que provei nos seus amores
O doce fel do deleite,
O acre prazer das dores.

E as minhas azas brancas,
Azas que um anjo me deu,
Penna a penna me cahiram.
Nunca mais voei ao céu.

Ibidem

A ESTRELLA

HA uma estrella no céu
Que ninguem vê senão eu:
Inda bem! — que a não vê mais ninguem

Como as outras não reluz;
Mas dá tam serena luz,
Que, inda bem! — não a vê mais ninguem.

No cantinho azul do céu
Onde ella está, não digo eu
A ninguem! — sei o eu só: inda bem;

Ibidem